CONHECIMENTOS UTEIS.

COMMERCIO PORTUGUEZ.

EXPORTAÇÃO DE GENEROS.

280 Todos sabem que uma parte da Europa esteve ameaçada de fome, e que os perigos d'ella ainda se não desvaneceram de todo n'alguns paizes. A batata é uma planta preciosa cujos tuberculos se comem preparados de mil fórmas, e dos quaes se fazem farinhas, pão, aguardente etc. Originaria da America tem-se aclimatado na Europa onde produz extraordinariamente, e serve de alimento á maior parte da classe indigente da Allemanha, departamentos do norte da França, Belgica, Hollanda e Inglaterra. A sua cultura introduzida em França em 1783, salvou este paiz dos horrores da fome de 1793, 1816 e 1817.

Na colheita d'este anno uma doença até aqui desconhecida acommetteu as grandes searas de batatas da Belgica. Este acontecimento deu tamanho cuidado ao govêrno que o parlamento foi immediatamente convocado para discussão das providencias que era de urgencia tomar afim d'evitar as desastrosas consequencias d'uma fome. A doença das batatas propagou-se pela Hollanda, varias provincias da Allemanha, alguns departamentos do norte da França; mas, depois da Belgica, onde causou maior devastação foi na Irlanda; o que tem devido o maior cuidado ao govêrno inglez, que toma as mais energicas providencias para obviar os seus resultados.

Portugal pela sua situação geographica, pelas suas relações commerciaes com a Inglaterra, podia abastecer uma boa parte do celeiro do reino-unido. A Russia-meridional, a Grecia e a Italia, são os paizes que fornecem de trigo a Inglaterra; todos elles mais distantes — consideravelmente mais — do que Portugal. E comtudo o mercado dos nossos cereaes em Inglaterra não se tem estabelecido. Sei que ainda ha dez annos fallar em exportação de cereaes no nosso paiz sería absurdo: sei bem que ha ainda pouco mais de 30 annos (1811) nos foram precisos obra de 367,000 moios de cereaes extrangeiros; mas as circumstancias muduram: o trigo está hoje por baixo-preço, o que é importado dos Açores quasi que não acha comprador este anno, e a extracção é tão limitada que não tem havido uma unica venda de grandes porções. Sejam quaes forem as causas, que não são para agora indagar, o facto existe; o remedio para elle, nem siquer se falla n'isso. Queixa-se o lavrador, queixa-se o proprietario; mas o commercio não se move. Não ha especulação de nenhuma especie. Falte o genero em que parte do mundo faltar, não se busca mercado para elle, não se procura um meio de consummo, não se tracta emfim de *commerciar*... Os capitaes affluem ás praças de cambio, o jogo dos papeis traz as cabeças todas preoccupadas; que definhe ou não a agricultura, quem tracta d'isso? Mais ainda. A ésta Redacção tem chegado correspondencias de varias partes do reino, participando que alguns pequenos lavradores teem entrado com fundos nas caixas economicas, onde elles lhe rendem cinco por cento, e os vão desviando da agricultura onde perdem, ou, quando muito, so obteem dous por cento. (*)

Ora, se não são éstas coisas que merecem a attenção de um govêrno e a reflexão de todos os homens capazes d'ella no paiz, eu não sei então o que a merece. É certo, por exemplo, que a *abertura* do Theatro de D. Maria II, é uma questão muito digna da imprensa periodica; mas por Deus que se discutam tambem os interesses vitaes do povo...

Não é porém este o ponto que hoje me occupa. Como dizia, o mercado dos nossos cereaes em Inglaterra não se tem estabelecido; mas o que não faz o nosso commercio, o que não fazem os nossos lavradores desunidos, sem fôrça nem apoio; o que não fazem os nossos proprietarios, a maior parte dos quaes ainda não intende como os seus interesses os chamam a serem tambem commerciantes; o que não fazem emfim portuguezes a quem isso cumpria, vem fazel-o extrangeiros. Consta que algumas embarcações inglezas devem vir a Portugal carregar de cereaes: e ésta hypothese é hoje o objecto das minhas reflexões. Ninguem duvidará que o bom-exito d'este ensaio nos abre um ramo de commercio lucrativo, um mercado importante, um meio de riqueza nacional. Pelo contrario, se a experiencia sahe mal, fecha-se-nos talvez para sempre ésta porta de fortuna pública. Todo o cuidado e disvello, toda a attenção n'este caso, é absolutamente necessaria, e deve ser reclamada do govêrno e de todos a quem isso tocar, em nome da prosperidade da nação.

Não ha ainda muitos annos que se fizeram algumas remessas de trigo para Inglaterra. Este negocio nem que fôra feito por inimigos do paiz teria resultados mais vantajosos para elles. Vendeu-se a pêso d'oiro uma pouca d'avea, alimpadura e não sei que mais, que se varreu de todas essas tercenas e terras más do sul-do-Tejo; alcunharam isso com o nome de *trigo*, e mandaram-no para o paiz onde a agricultura está mais adiantada, e para onde se importam os melhores cereaes do mundo! O descredito do nosso genero em Inglaterra foi a forçosa consequencia d'ésta absurda especulação da cobiça e da ignorancia. Que isto seja presente a quem lhe importe para que se não renove tamanha falta, e se perca de todo até a esperança d'esse commercio indispensavel á prosperidade actual do paiz e aos seus progressos futuros.

As fraudes commerciaes d'ésta especie teem-se manifestado desgraçadamente ha tempos para ca nos ramos mais importantes da nossa agricultura e commercio. Os vinhos teem sido adulterados, a chacina de porco tem sido falsificada com carne de cabra, a mesma fructa tem sido incaixotada verde e mal escolhida, particularmente n'alguns pontos dos Açores; e assim os mercados da Inglaterra e do Brazil teem recusado algumas vezes os nossos generos, os seus preços teem baixado, e o descredito uma vez estabelecido tarde ou nunca mais se recupera a confiança.

(*) Eu espero mostrar n'um dos proximos n.os da REVISTA a somma dos capitaes existentes nas diversas caixas economicas do reino. Por essa occasião farei algumas reflexões sôbre uma instituição tão util, mas que é susceptivel de abusos como qualquer outra. Tambem não sei porque no nosso estado financeiro se havia de dar o privilegio d'ellas a uma companhia particular, quando poderia ser a Junta-do-credito-público que utilizasse a grande vantagem do deposito dos seus fundos.

Isto exige uma séria attenção da parte do govêrno. A riqueza da nação é o principal elemento do seu podêr. A agricultura, a industria e o commercio, occupam hoje o primeiro logar, merecem os primeiros cuidados de todas as nações illustradas.

Éstas fraudes commerciaes são tão prejudiciaes ao consummidor como ao commercio leal; a lei deve vir em soccorro do sentimento universal de reprovação que condemna este abuso intoleravel da *guerrilha traficante*, que se acoberta com o respeitavel nome do commercio para exercer suas transacções fraudulentas. É urgente reprimir éstas sem comtudo impor ao commercio licito onus ou embaraços que estorvem o seu desinvolvimento.

Como se póde isto executar? Não é facil de resolver este problema commercial. Em toda a parte do mundo se deseja pôr o commercio leal ao abrigo das fraudes que produzem a desconfiança commum nos mercados internos e externos, com gravissimo prejuizo do commercio em geral, e dos commerciantes honrados em particular; mas dos alvitres até agora suscitados para o fim d'obter este grande resultado, os melhores não satisfazem ainda, por incompativeis ou inconvenientes, o seu importante proposito. Tenho debaixo dos olhos alguns dos melhores economistas que teem tractado d'este assumpto, e outra coisa se não póde colhêr da leitura d'elles.

Comtudo o que não preenche cabalmente o seu fim praticado sôbre grande escala, póde satisfazel-o completamente sôbre limitadas coisas. É assim que o bom-senso da applicação deve utilizar as grandes theorias. Não se tracta de uma providencia que evite *todas* as fraudes commerciaes e em *tudo* que é objecto de commercio. O nosso paiz tem uma exportação tão limitada, e ainda os objectos d'ella são de tão facil indagação, que me não parece impossivel estorvar as fraudes. Nos paizes de grande exportação, mormente de objectos d'industria, são realmente attendiveis as razões allegadas contra os meios que podem lembrar de evitar fraudes; mas no nosso, que se tracta de generos — e especialmente de certos generos e em dadas circumstancias — creio de boa-fé que a fraude, quando não possa de todo ser evitada, póde em grande parte ser prevenida.

Dois meios podem ser suscitados para isso. — A fiscalização da auctoridade publica, ou a vigilancia do interesse privado. Qual d'elles é preferivel? Como devem um ou outro ser empregados?

Questões são éstas que não comportam brevidade, nem podem ser tractadas no improviso d'um artigo: direi todavia o que me occorre n'este momento.

Os principaes generos d'exportação em Portugal são: vinho, sal, fructas, azeite, cortiça, sumagre, e podem ser os cereaes. D'estes sette generos os mais susceptiveis de fraude, ou antes falsificação ou *fancaria*, por assim dizer, são so quatro. N'um d'estes — o vinho, o interesse privado *deve e póde* ter todo o disvello em vigiar a sua boa-qualidade e pureza, no districto mais importante d'este genero e que mais exporta d'elle. D'outro — as fructas, quasi que se póde dizer o mesmo pelo que respeita á exportação de Lisboa; a do Algarve e ilhas ja não é assim. Os outros dois — azeite e cereaes, é que demandam talvez mais particular attenção. Do azeite tractarei alguma vez extensamente em artigo especial, em que de novo ventilarei este ponto.

Pelo que respeita aos cereaes, se em Portugal os lavradores tivessem ja acabado de conhecer os seus interesses e se houvessem formado em sociedades-agriculas etc., parece-me que conviria entregar-lhes a elles proprios a *vigilancia* d'este negocio; mas não se dando esse caso escusado é discutir a maneira por que ella se poderia exercer: ao menos provisoriamente, deve o govêrno hoje ter conta n'este objecto. Que se não argumente aqui com a liberdade do commercio: porque ainda que seja problematico se a liberdade illimitada póde ser util n'alguma coisa, ninguem negará todavia que as melhores theorias devem ser subjeitas ás modificações reclamadas pelas circumstancias da applicação.

Em diversas epochas e em differentes paizes se teem feito leis subjeitando á fiscalização dos agentes da auctoridade-pública, os generos destinados á exportação, para obstar o mesmo que eu hoje estou diligenciando ver se é possivel d'algum modo evitar — a perda de confiança dos generos reiniculas nos mercados extrangeiros. Não é pois nova a idea nem carece de exemplos. Sei bem que este meio embaraçará alguma coisa o commercio: confio porém muito na sua efficacia para proveito commum, e por isso não hesito em propel-o. Demais não temos nós o commercio tão cheio d'embaraços com o quadro e fiscalisação da Alfandega? Será mais um; mas este ao menos de vantajosos resultados; porque julgo que ninguem negará que o interesse do paiz, a honra nacional e a moral pública, exigem similhante providencia, que em seu nome a REVISTA sollicita.

APERFEIÇOAMENTO NAS OPERAÇÕES GALVANOPLASTICAS.

281 Como está hoje muito introduzido entre nós o bello processo de doirar e pratiar pelo processo galvanico, pareceu-me dever dar conta do seguinte recente aperfeiçoamento.

A cyanura de potassium e de prata é um sal que se emprega em grande quantidade nas operações electro-metallurgicas. Não ha ninguem que não tenha conhecido nos trabalhos de pratiação com este sal, que servindo-se d'elle no estado de pureza ou neutro, com um electro-positivo de prata, não se obtem nenhum sedimento de prata, excepto no caso da bateria ter uma força muito consideravel; ajuntando-se porem uma pouca de cyanura de potassium em solução, qualquer fraca corrente d'electricidade basta para produzir o sedimento.

Este facto explica-se, porque a cyanura pura ou neutra de potassium e de prata, ainda que excellente conductor d'electricidade, com a addicção d'uma cyanura livre de potassium facilita-se-lhe muito a decomposição; de modo que quando a cyanura de potassium se ajuncta em proporção tal que forme um composto de 2 equivalentes d'ella com 1 de cyanura de prata, constitue a combinação mais facilmente decomponivel que se conhece nos trabalhos da industria. O sedimento de prata obtem-se então com um bocado de cobre misturado com zinco, que não tem mais de 6 centimetros quadrados de superficie, n'uma solução em temperatura de 23° a 24° C.

PONTES EM PORTUGAL.

282 Lê-se no 'Periodico dos Pobres no Porto' o seguinte artigo, que me pareceu dever registrar na REVISTA: »

O maior dos beneficios que o actual ministerio tem feito ao paiz, foi sem duvida de propor e approvar a lei das estradas no reino, que se acham bastante adiantadas no Minho, especialmente nas immediações do Porto, onde todas estão em andamento, menos a de direcção a Villa-do-conde, Povoa, Barcellos e Vianna, que está intransitavel, sendo aquelle lado um dos mais povoados do Minho e o que mais abastece de cereaes ésta cidade. Mas o que admira é que se consinta que a companhia encarregada d'uma tão util obra, mande construir pontes-pensis, em pequenos rios como o de Lessa do Balio, onde se acha em construcção uma d'essas pontes á moderna, quando podiam e mesmo deviam de ser feitas da nossa excellente pedra, que a experiencia de tantos seculos tem mostrado serem as mais duradoiras, como se deixa ver de uma no mesmo Lessa, feita ha talvez mais de settecentos annos, de outra no Ave na Maia, da do Lima em a villa do mesmo nome, da de Barcellos, todas éstas feitas ha tempos immemoriaes e que ainda hoje se conservam e conservarão em perfeito estado. Porque, sr. redactor, se quererá trazer ao Minho, os exemplos de pontes suspensas, que se acham construidas na maior parte da Europa mas em sitios que ou não tem pedra, ou se a ha, os rios são de tal profundidade que as não deixam levantar? Quando mesmo no Tamiza em Londres, no Sena em Pariz, no Rodano em Leão, e outros, se acham comtudo as melhores pontes de pedra, e como que so conservam as pensis por luxo, e mostrarem que as artes alli estão no seu auge. Se pois esse é o motivo, nós para mostrarmos que tambem as sabemos construir ja temos a do Douro n'ésta cidade, cujo caudoloso rio não deixava que ella se construisse de pedra. Em presença d'isto pois, sr. redactor, se V. julgar que minhas observações, filhas da experiencia, lhe merecem alguma attenção, peço-lhe o favor de ajuntar os seus aos meus rogos, para lembrar a quem compete, que não são convenientes taes pontes, pois que as pensis não durarão mais de vinte annos sem reparos, e as de pedra serão quasi eternas.

Com a publicação d'ésta minha exposição fará V. ao paiz um serviço e um favor ao seu assignante

O Aldeão»

AGRONOMIA.

ESCOLHA E PREPARAÇÃO DAS SEMENTES CEREAES QUE SE HOUVEREM DE LANÇAR Á TERRA.

283 Entre a cultura das plantas mais uteis para a sustentação dos homens e dos animaes, tem a preeminencia na maior parte dos paizes civilisados a dos cereaes, e entre estes a do *trigo commum* das diversas denominações e variedades, deduzidas da forma e tamanho das espigas, maior ou menor volume, pêso, consistencia e qualidade do grão, e conforme as duas principaes classificações — ou de servirem com preferencia para as sementeiras do inverno, ou para ás da primavera até ao verão: sem que todavia a cultura do trigo, que assim representa o primeiro papel nos terrenos para que é proprio, exclua ou tome o logar dos outros cereaes, como o *centeio*, *cevada*, *aveia e milho*, nos terrenos adaptados a cada um d'elles; e particularmente do milho, cuja cultura combinada com a de legumes, como *feijão*, em terrenos substanciaes e com agua de rega, offerecerá em Portugal, assim como offerece nas demais regiões que a permittem e bem a praticam, os mais abundantes, certos, variados e proveitosos productos para a sustentação dos homens e dos animaes, e diversos usos da economia rural.

Na serie que temos em vista, iremos lançando opportunamente artigos destinados a cada um dos indicados cereaes, na sua combinação com os terrenos, lavras da terra para ás sementeiras, estrumes, grangeios, colheitas e afolhamentos de lavoira alternada: o presente é destinado aos dois principaes objectos que são communs a todos «*a escolha das sementes e a sua preparação para se lançarem á terra*« qualquer que seja a maneira de a lavrar e estrumar para receber a semente.

Pois que o lavrador semeia para colher, e as suas maiores fadigas e despezas são as de lavrar e estrumar as terras para ás sementeiras, e as da semente que lança a terra; e pois que de sementes estereis, viciadas ou imperfeitas, se não podem esperar ou obter senão colheitas estereis e productos viciados e imperfeitos, e pelo contrario somente se podem esperar e obter colheitas abundantes e frurtos sãos e perfeitos, de sementes fecundas, sãns e perfeitas: resulta por tanto, que o lavrador, para evitar o contra-senso de inutilisar tempo, fadigas e despezas, e de frustrar os proprios fins para que lavra e semeia, deve occupar os seus proprios e maiores cuidados na escolha das sementes.

As regras theoricas e práticas, que sôbre este objecto o hão de guiar com segurança, consistem no seguinte: escolher e destinar para semente os talhões das respectivas searas, que apresentarem as mais bellas producções a todos os respeitos, e sôbretudo as espigas maiores, mais sans e mais cheios de grão — ceifar esses talhões quando os fructos estiverem bem maduros — fazer a debulha em separado e crivando, limpando e seccando perfeitamente na eira os grãos da semente — recolher e conservar as sementes em logar secco, arejado, limpo e livre de insectos, ratos, ou introducção de aves de qualquer especie; e padejar as mesmas sementes quando convier, para não tomarem calor ou bafio até á occasião de se lançarem á terra.

O lavrador achará consideravel proveito em renovar as sementes, e em escolher as de terreno de inferior qualidade para as lançar no de qualidade mais substancial que quizer semear, onde aquellas sementes produzirão colheitas mais abundantes e primorosas; mas nunca lance sementes de terrenos mais substanciaes em outros de qualidade mais inferior: achará ainda notavel beneficio em preferir as sementes havidas de locaes mais frios e mais ao norte do que os terrenos que quizer semear. D'ésta fórma se assegurará o lavrador da boa escolha e qualidade das sementes havidas das suas proprias searas; ou em troca de outras eguaes entre lavradores discretos, que assim o façam com vantagem reciproca; ou emfim havendo de as comprar com pleno conhecimento da sua boa qualidade e perfeição.

As sementes fecundas, sans e perfeitas, não so abonam o desejado fim de colheitas abundantes em quantidade e qualidade de productos, mas além d'isso concorrem essencialmente para preservar as searas de

varios males a que são subjeitas, e entre elles da *ferrugem*.

No catalogo das molestias que atacam os cereaes, figura notavelmente pelos seus estragos a do *carvão* no grão das espigas, que os lavradores conhecem com o nome de *ferrugem*: os naturalistas e agronomos teem largamente debatido sobre as causas d'ésta molestia, e dando soluções diversas descançavam em suas theorias de que o mal se evitaria pela preparação das sementes, laborando todos no supposto de que a causa da molestia não procedia intrinsecamente do grão da semente: veio porém M. *Breton*, membro da academia d'industria franceza, habil agronomo e proprietario na Lorrena, o qual, sobre a evidencia de que as preparações mais energicas da semente não evitavam a *ferrugem*, que atacava as searas sem differença das de sementes não preparadas, destruiu a illusão das preparações da semente como remedio para evitar a *ferrugem*; e deduzindo d'aqui a consequencía de que as causas do mal deviam ser intrinsecas, passou a verificar, por experiencias repetidas e constantes, que a *ferrugem* procedia das sementes mal maduras, imperfeitas, e intrinsecamente fracas e doentes, e que o meio unico e seguro de a evitar, consistia na escolha de sementes bem maduras, sans e perfeitas: e tudo isto communicou á academia, que o publicou no seu jornal.

D'ésta fórma confirmou M. *Breton* o principio generico, assente nas leis da natureza e vida vegetal, de que segundo fôr a semente será a planta; que de semente fecunda e san virá planta de fructo abundante e são; que de sementes estereis, fracas e doentes, virão plantas de poucos fructos, e esses fracos, imperfeitos e doentes; e que as preparações artificiaes das sementes, que contribuem poderosamente para coadjuvar o desinvolvimento de sementes sans e perfeitas, não podem remediar os males procedentes de causas intrinsecas identificadas com o grão da semente.

Tenho-me demorado um pouco n'este objecto por ser em si, e nos seus resultados, o mais importante em agronomia theorica e pratica; e contra o meu costume recorri á auctoridade scientifica e pratica de M. *Breton*, e da academia de industria franceza de que tenho a honra de ser membro, a fim de rectificar o artigo tocante á *ferrugem* do trigo, que vem no n.° 21 da REVISTA (extrahido do 'Dic. dés Ménages'] e rectificar da maneira seguinte: que o remedio para evitar a *ferrugem* consiste somente na escolha de sementes sans e perfeitas; que senão limita ao trigo, e abrange o centeio, cevada, milho, igualmente subjeitos á *ferrugem*; que é não so applicavel mas impreterivel tanto na pequena como na grande ultura: e n'ésta com tanto maior cuidado quanto é maior o prejuizo de se não praticar; que as preparações da semente, receitadas no artigo de nada servem para evitar a *ferrugem* e que a propria receita não se a que convem á pequena, ou grande cultura para se obterem os diversos fins e vantagens da preparação das sementes, de que passo a tractar.

A preparação das sementes cereaes é uma das mais interessantes aquisições da agronomica: tem laborado entre os extremos da theoria abstracta ou charlateneria scientifica, e do empirismo da pratica cega: ainda hoje são raros os agronomos que evitam aquelles extremos, e marcham pelo justo meio em que se combina a certeza da theoria com a segurança da prática. É por este justo meio que vamos apresentar a preparação das sementes e seu processo: e depois individuaremos as vantagens.

Consiste a preparação das sementes em as mergulhar em um banho d'agua-de-cal, a que se misturam outros ingredientes accessorios, como, cinzas ordinarias, estrume de vacca, e de aves domesticas, e urinas: tudo isto comprehenderam os agronomos francezos debaixo da palavra *chaulage*, que quer dizer preparação das sementes com cal, por isso que a cal figura principalmente n'ésta preparação.

O processo pratica-se pela maneira seguinte: tome-se uma vasilha de madeira ou de pedra, como tina, cuba, pipa destampada do lado superior, pia, dorna ou lagar de pedra, proporcionando a capacidade da vasilha á quantidade de liquido que deve conter para ficarem mergulhadas as sementes e restar ainda uma terça parte do mesmo liquido sôbre as sementes merguladas — o liquido forma-se com agua, na qual se lança cal viva para se desfazer na mesma agua; a porção de cal é a que for bastante para fazer um leite carregado, mas de sorte que mexido não deixe sedimento no fundo da vasilha — a este leite de cal misturam-se os indicados ingredientes de cinzas, estrume de vacca e de aves domesticas, e urinas; ou todos estes ingredienteo havendo-os, ou d'elles os que houver, guardando a justa proporção com a cal de que são accessorios, e do liquido, que com todas as misturas deve sim ficar carregado, mas mexido, não deixar sedimento algum no fundo da vasilha. Sôbre este liquido bem mexido lançam-se as sementes escolhidas, as quaes, assim mergulhadas, serão logo bem mexidas com um pau que alcance até ao fundo da vasilha; e com uma escumadeira se apanharão e tirarão todas as sementes mal cheias, defeituosas e imperfeitas, que acodem á superficie do liquido, e bem assim qualquer corpo extranho, ou sementes de plantas, parasitas ou diversas, que costumam introduzir-se nas searas dos cereaes, e tenham escapado na limpeza das sementes escolhidas. Repete-se de quando em quando a mesma operação de mexer as sementes e escumar o liquido — conservam-se assim as sementes mergulhadas por espaço de dezoito horas; e sendo milho, por espaço de vinte e quatro horas — findos estes espaços, tiram-se as sementes do liquido e estendem-se a enxugar em logar bem limpo, secco e arejado; onde em quinze a dezoito horas se enxugarão, quanto basta para se semearem no dia seguinte. Se algum obstaculo impedir o semearem-se nos dias proximos seguintes, mexam-se bem as sementes todos os dias com uma pá; e assim se conservam sem detrimento os que mediarem até semear.

Na falta de cal viva, pode empregar-se em logar d'ella, uma forte salmoeira ou agua do mar; contando-se porém que não prehenche todos os fins e effeitos da cal.

As importantissimas vantagens que resultam d'ésta preparação são entre outras as seguintes:

1.ª preservar as sementes e searas contra todas as causas de molestias, que não procedam intrinsecamente do grão das mesmas sementes; e contra todos os insectos conhecidos, que de qualquer modo as offendam.

2.ª Penetrar a semente da humidade necessaria para

o seu desinvolvimento, servindo assim para apressar a germinação, e para a segurar sem o concurso da humidade das chuvas, de que alias depende a germinação das sementes não preparadas.

3.ª Fazer com que, por effeito da humidade de que se acha impregnado o grão da semente, a sua germinação e nascimento tenham logar de oito a dez dias mais cedo, do que acontece ás sementes não preparadas: o que é sempre de grande vantagem a diversos respeitos, e principalmente em annos de sêcca.

4.ª Augmentar com a dóse e qualidade de estrume, que fica unido ao grão da semente preparada, a fôrça e fecundidade do germe e planta nascente.

5.ª Dar, por essa mesma força de germinação, mais rebustez ás plantas para melhor resistirem ás intemperanças do tempo.

6.ª Habilitar, por essa mesma força de germinação, as plantas para lançarem vigorosos pés, hastes, e folhas, que suffocam as hervas nocivas, e as não deixam produzir sementes, comendo da terra, e sujando os frutos cereaes: evitando-se ao mesmo tempo as despezas de monda, e as de limpar o grão dos cereaes de sementes extranhas.

7.ª Economizar as sementes um quinto pelo menos do que se emprega com sementes não preparadas; sendo esta economia de tal vulto, que nenhum lavrador a deve desperdiçar, na pequena ou grande cultura, e n'esta muito mais por ser mais valiosa a economia em si mesma, e recahir em tempos das respectivas sementeiras, em que os cereaes sobem de preço no mercado: este quinto menos de semente resulta; de que os grãos da semente, inchados pela humidade da preparação, tomam o seu maior volume que a mão do semeador sente para lançar as sementes com tino e attenção ao seu proprio volume, e as não deixar cahir inadvertidamente por entre os dedos; de que o semeador deve contar com a germinação de todos os grãos da semente preparada para assim lançar so a meramente precisa, e não lançar semente de mais como na não preparada, em que se conta com a muita que não hade germinar e se espera perder; de que a semente preparada, além da efficacia de germinação, leva comsigo, nos ingredientes da preparação, o preservativo de lhe não tocar e a não comer uma multidão de animaes damninhos ás sementeiras de grãos não preparados; de que finalmente a semente preparada se lança em todo o caso muito menos basta do que a não preparada, para melhor se desinvolver e fructificar.

Faremos aqui a observação geral de que as sementes nunca devem ser enterradas de mais; na certeza de que as enterradas de mais, ou morrem sem germinar, ou se enfraquecem e adoecem nas agonias de uma germinação contrariada, e produzem poucos fructos, e esses imperfeitos e manchados de *ferrugem*, como se vê nas proprias searas de sementes escolhidas e preparadas, onde apparecem espigas com ferrugem por ter ficado enterrada de mais a semente d'ésses espigas.

Por último, aconselharemos aos lavradores do riba-Tejo, que se não arrisquem a semear os campos subjeitos ás cheias do Tejo em quanto não tiverem passado as cheias resultantes da estação do inverno, que alias é a propria para as sementeiras adaptadas a terrenos enxutos, e a que não alcancem inundações invernosas; e estejam assim expeditos e desoccupados para fazerem as sementeiras dos campos inundaveis quando tiverem passado as cheias ordinarias do Tejo, e os campos se mostrarem sufficientemente enxutos para as lavras de sementeiras, e receberem a semente: então com as lavras para a sementeira, enterram e aproveitam os nateiros deixados na superficie dos campos pelas cheias do Tejo, e que formam o estrume fecundante dos mesmos campos; e com sementes bem escolhidas e preparadas seguram a germinação e prosperidade das searas e colheitas, nãs so em annos temperados, mas tambem nos irregulares e de sêcca.

Lisboa 15 de novembro de 1845.

Luiz Antonio Rebello da Silva.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXI.

Quem vem lá?— Como entre dous litigantes nem sempre gosa o terceiro. — Carlos e Joanninha n'uma especie de situação *ordeira* a mais perigosa e falsa das situações.

284 As estrellas luziam no ceo azul e diaphano, a brisa temperada da primavera suspirava brandamente, na larga solidão e no vasto silencio do valle distinctamente se ouvia o doce murmúrio da voz de Joanninha, claramente se via o vulto da sua figura e da do companheiro que ella levava pela mão e que machinalmente a seguia como sem vontade propria, obedecendo ao podêr de um magnetismo superior e irresistivel.

Passavam, sem as ver e sem reflectir onde estavam, por entre as vedetas de ambos os campos... e ao mesmo tempo de umas e outras lhes bradou a voz breve e stridente das sentinellas: 'Quem vem lá?'

Estremeceram involuntariamente ambos com o som repentino de guerra e de allarma que os chamava á esquecida realidade do sitio, da hora, das circumstancias em que se achavam... D'aquelle sonho incantado que os transportára ao Éden querido de sua infancia, accordaram sobresaltados... viram-se na terra erma e bruta, viram a espada flammejante da guerra civil que os perseguia, que os desunia, que os expulsava para sempre do paraizo de delicias em que tinham nascido...

Oh! que imagem eram esses dous, no meio d'aquelle valle nu e aberto, á luz das estrellas scintillantes, entre duas linhas de vultos negros, aqui alli dispersos e luzindo acaso do tronziente reflexo que fazia brilhar uma baioneta, um fuzil... que imagem não eram dos verdadeiros e mais sanctos sentimentos da natureza expostos e sacrificados sempre no meio das luctas barbaras

e estupidas do conflicto de falsos principios em que se estorce continuamente o que os homens chamaram *sociedade*!

Joanninha abraçou-se com o primo; elle parou derepente e foi com a mão ao punho da espada.

—'Quem vem lá?' tornaram a bradar as sentinellas.

—'Ouves, Joanna?' disse Carlos em voz baixa e sentida: 'Ouves estes brados?' É o grito da guerra que nos manda separar; é o clamor cioso e vigilante dos partidos que não tolera a nossa intimidade, que separa o irmão da irman, o pae do filho!..'

—'Quem vem lá?' bradaram ainda mais forte as sentinellas; e ouviu-se aquelle stridor baço e breve que tam froixo é e tam forte impressão faz nos mais bravos animos... era o som dos gatilhos que se armavam nas espingardas.

O momento era supremo, o perigo imminente e ja inevitavel... alli podiam ficar ambos, trasspassados das ballas oppostas dos dous campos contendores.

Como esses que, fiados em sua innocencia e abnegação, cuidam podêr passar por entre as discordias civis sem tomar parte n'ellas, e que são, por isso mesmo, objecto de todas as desconfianças, alvo de todos os tiros — assim estavam alli os dous primos na mais arriscada e falsa posição que tem as revoluções.

Joanninha conheceu o perigo que os ameaçava; e com aquella rapidez de resolução que a mulher tem mais prompta e segura nas grandes occasiões, disse para Carlos:

—'Falla aos teus, faze-te conhecer e põe-te a salvo. Ámanhan nos tornaremos a ver: eu te avisarei. Adeus.

—'E tu, tu?.. E as sentinellas dos realistas?..

—'Não tenhas cuidado em mim. D'esta banda todos me conhecem'. Deu alguns passos para o lado da sua casa e levantou a voz:

—'Joanninha! Sou eu camaradas, sou eu!'

Immediatamente se ouviu o som retinido das coronhas no chão, e o riso contente dos soldados que reconheciam a bemquista e bem vinda voz de Joanninha... da 'menina dos rouxinoes.'

—'Ves, Carlos?.. Adeus! até ámanhan.' disse ella baixo.

—'Até amanhan se...'

—'Se!.. Pois tu?..'

—'Ouve: não digas a tua avó que me viste, que estou aqui: é forçoso, é indispensavel, exijo-o de ti...'

—'E ámanhan me dirás?..'

—'Sim.'

—'Prometto: não direi nada... Mas, oh! Carlos...'

—'Adeus!'

Carlos deu dous passos para o lado das suas vedetas, Joanna correu para o lado opposto. Mas elle parou e não tirou os olhos d'aquella fórma gentil que deslizava como uma sombra pelo horisonte do valle, até que desappareceu de todo.

E elle immovel ainda!

Faiscaram derepente como relampagos um, dous, tres, e as detonações que os seguiram, e o assovio das ballas que vinham depós ellas... Eram as sentinellas constitucionaes que faziam fogo sôbre o seu commandante que não conheciam; cujo silencio e immobilidade o fazia suspeito.

Uma das ballas ainda o feriu levemente no braço esquerdo.

—'Bem, camaradas!' bradou Carlos caminhando rapidamente para elles, e erguendo a voz forte e cheia que tam conhecida era nas fileiras: 'Bem! Fizeram a sua obrigação. Um de vocês que me aperte aqui o braço com este lenço.'

—'Carlos!' gritou ao longe uma voz fina, aguda, vibrante de terror pelo espaço 'Carlos! falla-me, responde, não te succedeu nada?'

—'Nada, nada! Socega.'

E tornou a cahir tudo no silencio. Carlos retirou-se ao seu quartel n'uma choupana proxima. Os soldados olharam-se entre si e surriram

Um mais doutor disse para os outros:

—'O nosso capitão não se descuida: ainda hoje chegou, e ja nós lá vamos, hem?'

—'O nosso capitão é d'aqui: não sabes?'

—'Hum! tenho percebido. E ainda lhe dura? O home' é capaz!'

—'Silencio! Eu te direi logo a historia toda: é uma prima.'

—'Ah! prima. Então não ha nada que dizer.'

—'É a que elles chamam aqui...'

—'A menina dos rouxinoes? Essa é maluca.'

—'Gosta d'ellas assim, que elle tambem o é.'

—'Pois a freira de San'Gonsallo, na Terceira?'

—'Maluca.'

—'E a Lady ingleza que?..'

—'Maluquissima essa! Não me hade admirar se a vir cahir do ar um dia por ahi como bomba. E não hade dar mau estallo!'

—'Podéra! E incontrando-se com a prima então!..'

—'Mas elle é prima ou é irman?'

—'É uma tal parentella inrevezada a d'essa

gente da casa do valle !.. dizem coisas por ahi, que se eu as intendo !.. E ha um frade no caso, já se sabe...'

—'Oh! elle ha frade no caso?'

—'Ha, e que frade! Um apostolico ás direitas! Tam feio, tão magro! apparece por ahi ás vezes. Eu já o lombriguei um dia: e que famoso tiro que era! Quasi que me arrependo de não ter...'

—'Isso! hoje iamos matando o nosso capitão por instantes. Olha agora se lhe matas o tio, ou pae, ou o que quer que é...'

—'Um frade!'

—'Um frade não é gente?'

—'Não senhor.'

—'Está bom: basta de conversar por hoje. O que me eu parece é que nós temos cedo muita pancada rija.'

—'Venha ella, que isto ja abhorrece.'

Accenderam os cigarros e fumaram.

Com o mesmo socêgo d'espirito... Sancto Deus! accendem os homens a guerra civil que altera e confunde por este modo todas as ideas, todos os sentimentos da natureza.

Continúa. *A. G.*

DO PARIATO. (*)

285 As leis compunham-se no senado, mas não era so alli, tambem o povo as fazia e outros, o pretor, por exmplo etc. Ésta simultaneidada, a representação tão pouco a tolera por um instante. A uma anarchia sanccionada por direito, derivando de tantas nascentes, accrescia outra, e era que se não sabia ao certo quando os senatus-consultos que se votavam na assemblea onde competia a sua confecção, eram legitimos ou não, porque devendo assistir á sessão 100 senadores, minimo número para se podêr constituir, não havia modo de verificar a sua comparencia, e d'ahi podia-se ficar em dúvida da validade do decreto que fosse necessario citar. E como se isto ainda não bastasse para de todo se baralhar a confusão e desbaratar a ordem, a prepotencia forjava-os, o que não lhe era difficil, attendendo a que o senado, por sua instituição, não se reunia mais de 36 vezes por anno, e mais tarde mesmo so 24. Este intervallo, considerando que então não havia imprensa e que os decretos passavam do senado para os archivos sem quasi publicação, asava a impunidade a prevaricar n'éstas fraudes descompassadamente. Cicero queixa-se a este respeito que Cesar tomava a liberdade que lhe phantaziava, com o seu nome, para o dar por annuente a ficticias ordenanças, em que o celebre orador nunca sonhára.

A fortuna do govêrno romano, conforme o meu debil juizo, não esteve tanto pois na sua perfeição absoluta, para a França ou qualquer outra nação moderna dever ambicionar a sua imitação, como esteve na superioridade da sua organização ao de todos os outros na Italia — havia n'elle menos escravidão: aqui está todo o segredo. E a continuação d'essa superioridade nos da Italia toda depois da sua integração em um so Estado, aos do resto do mundo d'então, á habilitação para conquistar todas as regiões do globo até alli exploradas, foi o que deu emprego e mais tarde riqueza aos patricios, para que se não digladiassem entre si ou com os escravos, que algum refrigerio achavam na *conscripção* que faziam d'elles, o que assim era preciso para accudirem e coadjuvarem na prêsa. Acabaram-se as conquistas, vieram os campos emathios.

Repare-se bem e ver-se-ha que não ha aqui nenhum logar commum. Qualquer nação das grandes da Europa ja tem durado mais do que a republica, e longe de darem signaes de decadencia promettem cada vez mais duração e mais explendor. O poder promette n'ellas a passo cheio ir-se dividindo e distribuindo a melhor entre o povo, e as innovações alcançarem-lhe commodidades cada vez maiores. O progresso vive.

Não era assim com o senado ou constituição romana; que sendo ou compondo-se para o pequeno número, o qual se fazia á custa do commum, tinham os privilegiados de ser por instincto inimigos de qualquer mudança que lhes tirasse qualquer coisa e d'ahi não havendo mais do alheio extrangeiro a capturar, e não sabendo crear do proprio com a industria, segundo as sociedades modernas que ahi acham a sua valvula de segurança, foi a consequencia a lei agraria para podêr viver, para mais nada porque não era ambição; á lei agraria seguiu-se Sylla; a este Pompeio, Cesar, e afinal a extincção da republica.

Ésta extincção é facil de conceber, não havendo por unica industria senão a guerra. Todas as outras eram interdictas aos cidadãos activos. Fazia-se um monopolio tal d'ella, que os indigentes eram excluidos de entrar n'ella, estigmatizando-os com o epitheto de proletarios, como que so proprios, como animaes irracionaes, para crearem, e segundo a fecundidade assim serem estimados. O pai de muitos filhos teve sempre a precedencia na distribuição das terras, e Cesar uma vez propoz uma distribuição d'ellas em que entraria quem tivesse pelo menos tres filhos. Aos extrangeiros assim como aos indigentes que eram muitos, não era permittido pegar em armas. Entrava em condicção por tractado com alguns povos, por especial favor, divisão no espolio ganhado por via d'ellas. Era esta a tão unica origem d'onde vinha a propriedade, que ella conservou até ao fim a etymologia que nunca perdeu d'onde provinha, no vocabulo predio, de praedium, de, *praedo, are*, préar, roubar. (Beaufort, Niebuhr, Hugo, *passim*.)

Até aqui não ha vislumbre da representação nacional segundo as novas necessidades a pedem, e de maneira alguma sobre um tal molde como esse que temos diante de nossa vista, conviria á França nem a nenhuma outra nação das actuaes vasar a sua constituição politica. Se ésta nos não era adquada, muito menos a civil. A escravidão tornava a ésta de lobrego, por entre todas as fórmas, debaixo das quaes lhe é possivel estar subjeito o homem. Era a natural, era a feudal, era a servil e era a economica. Pegava ella dos corpos materialmente como uma tunica inconsutil, advinculava-os logo que nasciam, e retinha-os em cima d'um fogo lento até que expiravam. Pelas XII taboas, que Cicero (a republica ja no auge da sua civilisação) não duvidou pôr a cima de tudo, era de direito que o pai

(*) Continuado de pag. 249.

podia matar o filho. A ésta *ordenação* da republica, seguiam-se outras disposições na sua jurisprudencia pelas quaes o *patrono* tinha tanto jus ao preito do *cliente*, como o barão mais tarde teve á homenagem do *villão*. A servidão era tanta em Roma, que todas as d'America são umas delicias á vista d'ella, quanto a este flagello. Havia particular que tinha 20,000 escravos. Nós não temos nenhuma cidade, tirado Lisboa e Porto, que tenha tantos habitantes. Sylla emancipou 10,000 á hora da morta. Pense-se por um instante n'isto e veja-se que tal nos julgariamos hoje se fosse necessario que nos deixassem em testamento como uma herança a liberdade a qualquer de nós, e que para addir a succession dos nossos proprios movimentos houvesse de se lavrar uma escriptura assignada por cinco testimunhas, e haver de a trazer sempre comsigo e guarda-la como um thesouro, porque sem ella ou perdendo-a, não teriamos faculdade de nos mechermos mais e de irmos onde nos approuvesse, nem ter nada de nosso, nem mulher, nem filhos, nem habitação, nem roupa, nem alimento, posto que tudo isto podessemos adquirir com o suor do nosso rosto e por nossa propria industria: pense-se n'este martyrio que estende o pequeno espaço da vida por seculos quando ella é passada em tormento, e veja-se qual era a sorte commum romana.

Ha casos na historia que so ha mui pouco se começam a explicar. O da acceitação que merecia Augusto dos antigos, não obstante os crimes que lhe assacam é um d'elles. Augusto decepou as cabeças dos grandes, mas guardou a dos pequenos. Elle foi o primeiro que pensou que os escravos tambem seriam gente como os mais homens. Estes sentimentos é provavel ficassem que por cada um dos cidadãos que poderia exhalar imprecações sôbre elle, tivesse pelo menos dez infelizes a abençoal-o e a proteger as suas intenções. Crimes são sempre crimes, nem os eu defendo, ainda que sejam d'Augusto fallecido ha 18 seculos, mas que se hade dizer de um dos grandes de Roma que banqueteando a este imperador mandou botar um escravo n'um viveiro de peixes, por ter quebrado um vaso de porcellana? Augusto salvou a vida a esse desgraçado, e fazendo trazer á sua presença todos os vasos de porcellana que havia na casa, todos fez quebrar e mandou entulhar o viveiro, para que não se tornasse a repetir a ameaça de um supplicio como o de que esteve para ser testimunha. Não so isto; suppõe-se que em razão d'este acontecimento elle ordenou ao prefeito da cidade para tomar conhecimento das suas queixas contra os senhores. Este procedimento, devia produzir não menos effeito sôbre a numerosa população de captivos que residia em Roma, do que um general humano produz sôbre a tropa do seu commando, que por essa boa qualidade é adorado d'ella, tenha elle os defeitos que tiver. Alem dos muitos escravos que cada um tinha, era mui trivial a violencia, para afeiar a destinha, era mui trivial a violencia, para afeiar a desventura dos governados, de arrebatarem da vida publica os homens livres mesmo, e metterem-nos a trabalhos forçados em prisões por toda a vida por conta dos captores. Chegou a tanto este excesso que Augusto mandou devassar da frequencia d'estes attentados. Finalmente em quanto á ultima especie que notei de escravidão, a economica, era tal a dureza nas relações entre particulares que bem podia desesperar, se lhe deixassem vida para tanto, o agonisando devedor insolvente, que cahisse debaixo de todo o rigor da lei dos seus credores, que o podiam não menos do que cortar aos pedaços, para assim se satisfazerem da quota cada um, das suas dividas. Foram estas e a usura, a causa para a republica estar por mais de uma vez á borda da sua perdição, e afinal dar cabo della. (*Hugo.*)

Todas as revoluções, isto é, mudanças, mesmo as contra-revoluções, isto é, restaurações, tem a sua causa. Aquellas, longa, estas curta. Se a republica cahiu não foi porque a sua sustentação conviesse ao maior numero, é porque era exclusiva: podiam-se contar as familias que gozavam vantagens na presistencia d'ella; se o imperio durou e aturou depois por tanto tempo, é porque deixava ou tolerava a vida a esse maior numero, isto é, á totalidade, ainda que a degradação, para a classe onde essas familias d'antes floresciam fosse revoltante. Entendamos aquillo que por ora não tenho visto escripto na nossa lingua. O imperio não podia caber na cidade, nem as regras para a cidade por maiores insanchas que lhe botassem fóra, podiam servir para o imperio. Ja Cesar começou a transportar Roma para os *barbaros*. E'sta passagem suspendeu-se nos reinados de Augusto e Tiberio; mas d'estes dois imperadores por diante, não teve mais interrupção a *barbarização* de Roma. (Leia-se Michelet) A solidariedade na miseria estabeleceu-se, e desde então não se podiam restituir uns com os outros, mas esta restituição universal, não se podia fazer sem se prepararem grandes meios que deviam levar seculos a consummar; tantos quantos vão do comêço do imperio até á queda dos seus ultimos vestigios em Constantinopla ás mãos tambem de *barbaros*.

Pouco ha a dizer das contra-revoluções e não vale a pena de se fallar n'ellas. Nascem da retrotracção ao passado porque as revoluções não realisam, falta de elementos e copia de fezes, o programma de todas ellas em anticipação sôbre o futuro, que não pode estar no presente quando ellas se dão á luz. Inventam e cogitam, os poucos na vanguarda do seculo, as theorias, mas os seus exequentes não as adivinham, são como a legislação que so comprova factos preteritos, que se aprendem com a experiencia de muitas provas. D'aqui vem os embates primeiro que tenham pleno assenso e passem doutrinas novas. A Inglaterra em 1685 e mesmo em 1688 apresentou-se, se o direito na politica vale mais que o facto, muito mais atrazada do que em 1649. A França em 1815 do que em 1789, em 1845 do que em 1830. Portugal em 1845 do que em 1820. A mathematica sendo uma sciencia exacta e onde portanto uma demonstração feita uma vez fica sendo a mesma para todas, e não ha que voltar a traz com dúvidas, leva tantos annos primeiro que vingue com os seus principios, não admira que na politica que é uma sciencia moral, onde todos querem ter, e se julgam habilitados a ter, uma *opinião*, se tenha feito tão pouco progresso.

Continúa.

C. A. da Costa.

DOS TRIBUTOS ESTABELECIDOS NA ILHA DE SAN'MIGUEL ETC. (*)

286 Tendo nós tido a fortuna (talvez a infelicidade...) de colhêr éstas noções em muitos livros de difficil e

(*) Continuado de pag. 223.

cansativa leitura, cumpre-nos não occultar que algumas vezes estes lamentaveis acontecimentos tiveram logar quando os ouvidores se queriam oppor ao monopolio dos cereaes feito pelos vereadores, que por via de regra eram os maiores proprietarios, ou pelos seus parentes, e tolerado pelo senado com manifesto prejuizo publico, como teremos logar de demonstrar.

Sendo porém illegal e iniquo um tal arbitrio, tomado *ad terrorem* por alguns ouvidores, para conseguimento do fim desejado; e não sendo menos evidente que alguns outros lançavam mão de tão doloso e illicito meio para obterem uma camara que tolerasse os monopolios que faziam alguns donatarios mais ambiciosos, resultou d'estes succedimentos alcançar o senado algumas sentenças contra a jurisdicção dos ouvidores; (38) e para de certo modo os submetter, o senado endereçou ao soberano uma representação, com a qual obtiveram a provisão inhibitoria de 14 de março de 1622, pela qual foi determinado a certo corregedor, que no soberano nome intimasse o ouvidor para que nas procissões em que fosse o senado não tomasse a precedencia do dito senado, como até então praticava, sob pretexto de que estava fazendo as vezes do capitão donatario.

Finalmente poremos rematte ás jurisdicções e privilegios dos capitães donatarios d'ésta ilha, declarando que elles estavam exemptos de pagar direitos de sahida dos cereaes que exportavam, mediante a clauzula de provarem que eram producto da sua lavra n'aquella ilha; cuja graça lhe foi concedida por alvará de 10 d'outubro de 1742 (39). Abstemo-nos de fatigar nossos leitores adduzindo algumas reflexões sôbre o dolo e abuso a que deu logar ésta concessão; ella chamou sôbre o donatario a odiosidade publica: noções d'isto encontrámos em registros da camara: e por disposição de 20 d'agosto de 1751 (40) foi determinado, que não se fizesse o desconto de 4 e meio por cento das quantias a dinheiro e trigo, que na folha d'alfandega recebiam os donatarios da redizima que lhe fôra concedida.

Logo depois do donatario Rui Gonçalves da Camara, 1.º do nome, ter entrado na ilha de San'Miguel com sua familia e os novos povoadores, criou com auctorisação regia o logar de ouvidor, para quem aggravassem ou appelassem as partes, dando-lhe de sua fazenda 80$000 réis annuaes: veio então do reino por primeiro ouvidor Gonçalo Vaz Botelho (41). Os ouvidores além da jurisdicção que a ordenação lhes concedia, tinham a que lhes outhorgava a do donatario.

Releva dizer, que os primeiros ouvidores que houve n'esta ilha mereceram a estima d'estes povos, ou fosse porque eram homens instados para exercerem éstas funções, homens de merito e probidade, que por espirito de patriotismo desejavam o augmento d'ésta ilha, e abandonando os risonhos campos de Portugal iam collocar-se n'aquelle volcanico rochedo, semi-engolido pelas ondas do atlantico; ou fosse por que o espirito publico dos primeiros povoadores se déssé mais aos cuidados agriculas do que ás questões governativas; ou finalmente porque eram mais submissos ou tinham mais simpleza: (42) o que não ha para duvidar é, que gozáram do respeito e veneração pública emquanto não começaram as argumentações e discordias com os juizes-de-fóra, nomeadamente com os aparentados com familias insulanas; porisso que estes frequentes vezes engendravam suas arteiras opiniões no senado, induzindo os vereadores a tomarem uma attitude hostil contra os ouvidores. Taes factos enfraquecendo a jurisdicção do ouvidor, tornou estes magistrados menos respeitaveis aos olhos do povo, que começou a contravir aos seus mandatos: augmentando-se assim o estado talvez cahotico em que se achava o regimen d'ésta ilha. O povo deve obedecer aos magistrados, disse o sabio *abbade Mably*, e os magistrados ás leis; destruida ésta molla essencial acabou-se a sociedade civil.

Durante o tempo em que o corregedor d'estas ilhas se achava na de San'Miguel em correição, que em observancia das reaes ordens não excedia a tres mezes, cessavam as correições do ouvidor; e então do juiz-de-fóra se recorria ao corregedor: quando porém findavam os tres mezes, se o corregedor continuava a estar n'esta ilha o ouvidor reassumia a sua jurisdicção em toda a plenitude (43).

Havendo D. João II subido ao throno por morte de seu pai D. Affonso V, e celebrando côrtes em Evora no anno de 1481, n'ellas coarctou grande parte dos privilegios e jurisdicções que os reis seus predecessores tinham outhorgado aos donatarios, criando por ésta occasião os corregedores. E este foi talvez um dos motivos dos grandes desgostos que soffreu no seu laborioso reinado (44). Quanto a éstas ilhas a creação que n'ellas se fez de magistrados-regios foi o golpe mais profundo que se deu na jurisdicção dos seus capitães donatarios (45). Similhantemente havia mandado como corregedor a Angra Affonso de Mattos, no anno de 1503 (46) para ter jurisdicção em todas as ilhas dos Açores com residencia em Angra, que era cabeça de comarca, e tornando-se por ésta razão extensiva a sua correição a todas as ilhas d'este archipelago; porém de 1534 até 1540 vieram mais dois ministros por particulares corregedores de San'Miguel e de Sancta-Maria, sendo o primeiro Francisco Toscano, e das outras ilhas Braz Cotta: e assim se conservaram até 1544, epocha em que foi extincta a comarca das ilhas de San'Miguel e Sancta-Maria, tornando

(38) No citado liv. do tombo, da camara de Ponta-Delgada, se incontram as longas sentenças a que alludimos.

(39) L.º 9. do reg. d'alfandega de Ponta-Delgada f. 210 v.

(40) Ibidem, f. 234.

(41) Fructuoso, cap. 65. Este ouvidor foi pai do 1.º homem que nasceu na ilha de San'Miguel, depois de ser povoada.

(42) O P. Cordeiro, na Hist. insul. l.º 5 cap. 18 § 112, tractando da singeleza dos antigos Michaelenses, assim se expressa: « Como os de Portugal indo áquella ilha, com qualquer coisa enganavam os ilheos, e lhes levavam por ella os mais riccos fructos que da terra tinham, em comparação de sua malicia, chamavam áquelles ilheos pombos na candura; e oh! prouvera a Deus que ainda hoje assim fossem »

(43) Liv. do tombo antigo da camara de Villa-Franca do Campo fl. 39.

(44) Hist. ger. de Port. por D. A Lemos, tom. 8 liv. 30 cap. 2.

(45) Damião de Goes (chronic. d'elrei D. Manuel parte 4.ª cap. 5.º no fim) diz que elrei D. Manuel mandára corregedor á ilha da Madeira em 1516; de que tanto se desgostou o seu capitão Simão Gonçalves da Camara, que apezar de lhe chamarem *magnanimo*, d'ella se retirou deliberando ir viver em Castella.

(46) Hist. Insul. liv. 6 cap. 14 § 139.

a ficar subjeitas á comarca d'Angra, da qual era então corregedor Gaspar Touro. (47).

Continúa. *B. J. Senna Freitas.*

POESIA.

O INVERNO.

(*Improviso.*)

287 Sem gallas externas, sem fructos nem flores.
Suaves amores
Esconde no manto que finge rigores
Rigores sem ter;

Debaixo da neve que a face branquea
O fogo se atea;
Negreja-lhe a fronte — sorri-lhe na idea
Furtivo prazer!

Mais doce por isso, mais brando e mais ledo,
Propaga em segredo
Os gozos immensos que pulam sem medo
No seu coração.

Se o sol é formoso, se as alvas estrellas
Brilhando são bellas,
As luzes das festas, estrellas como ellas,
Mais feias não são.

O esmalte dos campos e os ceus annilados
São dões extremados;
Mas rostos celestes, no baile inflammados,
Tem menos fulgor?

Se amor diz aos homens o amor que murmura
Na verde espessura,
Nas sombras do inverno melhor formosura
Tambem diz amor.

Mendes Leal J.or

EXPECTACULOS.

THEATRO DE SAN'CARLOS.

A Saffo, opera em tres actos — musica de Paccini: (repetição). — Debute da Sr.ª Grimoldi.

288 A Saffo é por ventura a melhor opera de Paccini; mas é força confessar que, apesar da sua boa execução, agradou muito pouco a primeira vez que se deu entre nós. A occasião então era má para uma opera toda escripta no gôsto italiano: tinha-se dado o Roberto-do-Diabo, a Favorita, os Martyres... bem se vê que depois de taes peças grande fortuna foi a da Saffo não fazer um forte 'fiasco'. Hoje agrada mais o seu complexo; a sua instrumentação não parece tão fraca, e até se acha originalidade n'algumas das suas melodias. Emquanto á poesia do libretto é das mais bonitas coisas de Cammarano.

N'esta opera debutou a Sr.ª Grimoldi. E quando se diz debutou é para que a palavra se intenda na sua mais rigorosa accepção; porque a joven artista foi a primeira vez que pizou o theatro. A voz da debutante é um meio-soprano, não muito forte nem extensa, mas de agradavel timbre. A sua eschola de canto parece pura e dramatica, e cantou perfeitamente o duetto com a Sr.ª Persoli

Di quai soavi lagrime

e o canto da lyra

Teco dall'are pruobe
Venga al paterno tetto

Uma das mais suaves e lindas melodias da musica italiana.

Comtudo no que a Sr.ª Grimoldi pareceu admiravelmente bella e como que inspirada, foi em toda a parte mimica. A sua figura gentil, e interessante physionomia, eram animadas com um porte tragico e uma nobresa de gestos e de expressão, que revelavam uma grande sensibilidade e um grande genio dramatico. A éstas qualidades deveu principalmente a Sr.ª Grimoldi o seu successo entre um publico apreciador do bello, e que tem visto boas actrizes. Esperâmos ver a Sr.ª Grimoldi n'outra peça, porque é possivel que tendo visto algum grande modêlo assim se soubesse possuir do seu difficil papel; se porém é natural a sua representação, e filha da propria intelligencia a maneira porque diz, por exemplo

Addio — Ti lascio in terra
Sarai fra poco in ciel!

decerto que se lhe póde affiançar um logar mui distincto sôbre o cothurno.

Preencheu a parte d'Alcandro o Sr. Salandri, que a desempenhou excellentemente. Menos feliz porém foi o Sr. Severi na de Phaon.

Alguns córtes que soffreu a partitura não lhe prejudicam o complexo. Achâmos mais convenientes éstas modificações judiciosamente feitas do que expôr uma Opera inteira a um *fiasco* por causa d'um artista que não póde executar bem certo trecho d'ella, ou porque as circumstancias não permittem que se distribua o papel a um artista capaz de o desempenhar. O maestro escreve muitas vezes pedaços que são de *circumstancias*, quando éstas se não dão escusam-se bem aquelles.

THEATRO DO SALITRE.

DEBUTE DA SR.ª SOLLER.

289 Julgâmos podêr afiançar que uma nova artista, digna d'este nome, se começa a formar na scena portugueza. O debute da Sr.ª Soller é assaz esperançoso. Intelligencia, sensibilidade, boa figura, voz, expressão de physionomia, desembaraço de gestos, todas éssas qualidades naturaes necessarias a uma boa actriz, possue a joven debutante.

A peça do seu debute foi escolhida com muito bom tacto. O character sympathico da *ciganinha* concentra em si todo o interesse. A debutante é a protagonista — e sempre em scena, ora illudindo os maus, ora salvando a innocencia e a desgraça, o seu papel preenche toda a peça sem ser trabalhoso, toca mais d'um genero sem ser difficil.

Notou-se na sr.ª Soller demasiada agitação de movimentos, nimia volubilidade de physionomia principalmente nos olhos, vivacidade demais no dizer. Por isto mesmo se vê que a debutante tem animação

(47) Hist. Insul. liv. 6 cap. 14 § 139 — e Fructuoso liv. 6 cap. 12 pag. 518.

natural, um espirito dramatico pronunciado. Feliz do artista que principia necessitando de moderar os transportes do genio.

Não se póde bem prognosticar, pelo desempenho d'este papel, qual será o genero dramatico para que propenda a inclinação natural da Sr.ª Soller; comtudo, por algumas phrases que se lhe ouviram pronunciar com sentimento mais que vulgar, pode-se talvez antever que as suas disposições são mais para o pathetico do que para o comico, mais para a vehemencia das paixões do que para o chiste da ironia, mais para o sentimentalismo dos affectos do que para os requebros da garridice.

E' para desejar que a joven artista applique toda a sua attenção á boa pronuncia dos vocabulos: defeito tanto mais sensivel quanto quasi que habitual no theatro portuguez. Assim por exemplo, PREMCIPIOS em vez de *principios*, é um erro intoleravel. Mas para pronunciar bem deve-se igualmente proscrever toda a affectação; não caia a Sr.ª Soller n'est'outro defeito, não menos intoleravel, á força de querer apurar a pronuncia. Receio muito as *imitações* no nosso theatro; e noite e dia desejaria fazer ouvir a todos os debutantes o conselho salutar de não imitarem *ninguem*; porque na scena portugueza ainda não ha modêlos.

Como discipula do Sr. Doux, da-lhe honra a Sr.ª Soller. E não se póde negar de que o theatro portuguez, que começou por lhe dever a Sr.ª Emilia e o Sr. Rosa, continúa a colhêr dos seus esforços artistas como o Sr. Assiz e a Sr.ª Soller. Consta que o Sr. Doux vai abrir uma eschola prática de declamação; e este serviço importante feito á Arte é tambem serviço feito á nação. Quando se estabelecer entre nós o Theatro-nacional — se a sua organisação for judiciosa e fundada em considerações artisticas — é summamente importante que exista um gymnasio de actores onde elles se eduquem, e d'entre os quaes se faça a escolha dos que deverem figurar na scena do 1.º theatro-portuguez, onde cumpre que se ache a flor dos nossos artistas dramaticos.

Mas para isto carecia o Sr. Doux de ser ajudado com algum pequeno auxilio do Thesoiro, ainda mesmo que este fosse fornecido pela prestação do theatro-nacional. Tanto mais que elle proprio, e por si so, é que teve a luminosa idea de que tractâmos, e que com factos tem mostrado que tem zêlo bastante para se desempenhar da honrosa diligencia a que unicamente por amor da Arte se dedicou.

VARIEDADES.

NOTICIA ÁCERCA DOS REIS E GRANDES DE PORTUGAL QUE FORAM CAVALLEIROS NA ORDEM DA GÁRTER.

290 No antigo castello de Windsor, na sala denominda de Eduardo, que fica contigua á capella real do mesmo castello de Windsor, dedicada a San' Jorge, e cabeça da celebre e nobilissima ordem da Garter (liga) instituida por Eduardo III no 14.º seculo (1), se leem as inscripções que indicam os differentes estandartes dos cavalleiros da referida ordem; e entre ellas os nomes dos nossos reis: D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, D. João II, D. Manuel e D. João VI, e igualmente o do infeliz infante D. Pedro duque de Coimbra, do infante D. Henrique duque de Vizeu, nome immortal na historia da navegação, e do esforçado cavalleiro D. Alvaro Vaz de Almada, o *Lidador*, conde de Avranches no ducado da Normandia, por mercê de Henrique V de Inglaterra, depois da batalha de Azincourt em 1415, de João Vaz d'Almada, de Pedro Vaz d'Almada, e de Duarte Brandão (2) cavalleiro de grandes forças, agigantada estatura, e de singular valor.

Qual é a nação que possa contar tantos cavalleiros na distincta ordem da Gárter, como a portugueza?

O Abbade Castro.

(1) Ordem de quantas existem a mais circumscripta a um limitado circulo de cavalleiros, apurados das classes da maior distincção.

CORREIO EXTRANGEIRO.

291 Em Valladolid vai estabelecer-se uma *caixa de soccorros agriculas*. O ministro da fazenda tem desinvolvido grande zêlo em auxiliar de todos os modos possiveis ésta *creação* tão proveitosa para a agricultura da Castella-Velha. So o nosso Portugal se vai deixando ficar atraz em todos os esforços de prosperidads nacional que se fazem nos demais paizes. Nem com lettras, ao menos, a imprensa periodica secunda a boa-vontade da REVISTA: a idêa e projecto d'um Banco-rural que foram apresentados nos primeiros n.os do presente volume, não mereceram attenção nem de um unico jornal do continente portuguez; e la fóra apenas de um!

Alguns jornaes extrangeiros contam o dito engraçado da Sr.ª Rostchild, mãi dos celebres banqueiros do mesmo nome, ao seu medico, queixando-se dos seus padecimentos d'estomago. Ésta senhora tem perto de 100 annos, e mostrou ao seu facultativo amargo sentimento de lhe não aproveitar a hygiena que elle lhe prescrevêra. Parece que o medico lhe respondêra que na sciencia não encontrava meio de lhe tornar a mocidade. — 'Nem é isso o que eu quero', replicou Madame Rostchild, 'O que eu desejo é podêr ir invelhendo.'

No theatro de Cadiz deu-se uma opera intitulada *Irza*, d'um compositor hispanhol, D. E. Gomez, que foi enthusiasticamente applaudida. O chefe politico, a rogos, entregou ao compositor na presença do público, uma coroa e uma penna d'oiro, com que os seus admiradores lhe quizeram brindar o mérito.

O telegrapho-electrico, de que a REVISTA dará conta no seguinte número, está praticando maravilhas pelo mundo: por meio d'elle se sabem hoje as coisas

[2] Viveu em Inglaterra, onde foi general de uma armada contra francezes dos quaes conseguiu grandes victorias. Convidado com outros cavalleiros a um jantar, e chegando mais tarde e achando os primeiros logares occupados, tirou um punhal e o pregou na mesa diante de si, dizendo: *Aqui onde eu estou é a cabeceira, e quem o contradisser tire a punhal;* ao que todos se calaram. Veio de Inglaterra armar cavalleiro da ordem da Gárter, por mandado de Henrique III, a elrei D. Manuel. Morreu no anno de 1512. Jaz na igreja do ex-convento do Carmo, em Lisboa.

nos Estados-Unidos ainda antes de succederem. Por exemplo, em Washington pronuncia um deputado um discurso no parlamento á uma hora da tarde, e á proporção se vai transmittindo pelo telegrapho electrico a uma cidade do Oeste, onde o sol nasce meia-hora mais tarde do que na capital dos Estados-Unidos; ora, como a transmissão se faz em segundos, segue-se que meia-hora depois do meio-dia se terá conhecimento d'um discurso que os jornaes de Washington darão como pronunciado á uma hora.

Os suicidios tem augmentado consideravelmente em França de 1827 pera cá. N'esse anno contaram-se 1,562, em 1830 chegaram a 1,756, em 1834 subiram a 2,078, em 1837 a 2,443, em 1840 a 2,752, e finalmente em 1843 a 3,020.

Perece que na eschola commercial de Liverpool se estabeleceu uma cadeira do edioma chinez; e diz-se que o professor é um Chim que foi mandarim. As relações commerciaes d'hoje entre a Inglaterra e a China fazem necessario este novo ramo d'instrucção pública na Europa.

CORREIO NACIONAL.

292 A 'Revolução de Settembro' (de 17) nota com razão uma coisa na verdade vergonhosa para a nossa illustração. Foi vendida em leilão a livraria do celebre botanico Brotero, nosso compatriota. Nem um so portuguez, nem ainda commissionado da Academia das Sciencias, Sociedade de Medicina, Associação Pharmaceutica etc. appareceu a comprar, ou ao menos examinar, aquella ricca livraria! Em que nos pêse havemos de repetil-o para stigma... Apenas um francez comprou algumas obras, sendo todo o resto da livraria arrematada por um commissionado de Monsignor di Pietro.

A representação dada no theatro de D. Maria II a beneficio do 'Asylo da Mendicidade' produziu liquido 404$720 rs. As despezas d'orchestra, illuminação etc. montaram a 83$000 réis!

Ésta semana embarcaram ja 400 moios de trigo para Inglaterra. Parece que n'esta remessa houve cuidado para que o genero fosse do melhor.

Effectivamente o Sr. Doux, em sociedade com algumas pessoas mais, vai fazer construir um pequeno theatro de declamação, talvez no largo da Trindade: e tem tenção de o abrir no proximo mez de settembro.

O debute do Sr. Francisque no 'Circo-Laribeau' foi estrondoso como de quem vinha dos Campos-Elysios. A habilidade do novo clown destaca completamente da do Sr. Ratel. O genero do Sr. Francisque é, na maior parte do seu trabalho, novo para nós, e de effeito mui divertido. Infelizmente M. Laribeau partirá para o Porto antes de um mez.

Ouvimos que está a ponto de organizar-se uma companhia para o estabelecimento de moinhos fluctuantes no Tejo. Por este processo, cujo motor é a agua simplesmente, a moagem do grão será mais perfeita e sahirá muito mais barata. O commercio das farinhas poderá, por este modo, tomar entre nós um notavel desinvolvimento, com grande utilidade pública e summa vantagem da exportação.

O sr. Ratel trabalha agora no Theatro-do-Salitre, partirá pelas pizadas de Mr. Sutton a dar mostras da sua admiravel habilidade na cidade do Porto. Ninguem deve deixar de ir ao Salitre ver as novidades que faz o sr. Ratel. Um passeio por cima de vellas accesas, correr em andas sôbre garrafas... são coisas que senão veem todos os dias. Muita gente ha que tem visto a luz, mas pisal-a... so o sr. Ratel, que eu saiba.

Segundo se le no 'Periodico-dos-Pobres' (de 18) uma infeliz menina, accommettida d'um accesso de desperação, precipitou-se d'um 2.° andar na rua da Penha-de-Frnnça. A Providencia vigiava porém em seus dias; o so resultado physico da queda foi uma pequena contusão na cabeça, é d'esperar que o moral seja o curativo da sua loucura.

Ensaia-se agora no Theatro de San'Carlos uma dança-mimica, e vão começar tambem os ensaios da linda opera jocosa de Douizetti — *D. Paschoal*; a outra de Verdi — *Due Foszari*, se seguirá depois, e em seguida a ésta outra tambem jocosa do Sr. Frondoni.

A receita do 'Asylo da mendicidade' no mez d'outubro ultimo foi de 1:108$929 réis além de muitos donativos em generos. A despeza foi de 1:033$061 réis. Ficam existindo 282 homens e 228 mulheres, total 510.

Parece que o duque de Palerma comprára em Roma alguns quadros do nosso insigne pintor Sequeira. S. Ex.ª tem uma bella galleria de quadros, onde se incontram originaes d'alguns dos mais celebres pintores.

Ouvimos que a Sr.ª Levi, discipula do Conservatorio, que debutou no Theatro da Rua-dos-Condes no drama 'A rainha e a Aventureira' sahira desgostosa d'este theatro por lhe não repartirem *papeis*, e que o Sr. Doux a escripturára para o Theatro do Salitre.

Por todo o mez de dezembro ha de fazer-se um bazar, no palacio do Duque de Palmella, ao Calhariz, composto de objectos generosamente offerecidos, e cujo producto é applicado para as casa d'asylo e para uma eschola ingleza-catholica. As Exm.as Sr.as Duqueza de Palmella, Marquezas de Ponta-Delgada e de Fronteira, Condessas de Rio-Maior, Sobral e Lavradio, D. Henriqueta Oyenhausen, D. Maria Luiza Mousinho d'Albuquerque, e os Srs. Walsh e Okuff, com o louvavel zêlo com que se consagram exemplarmente ao exercicio da beneficencia, convidam as pessoas philantropicas que queiram augmentar os donativos para fornecimento do bazar, a que se dignem remettel-os, até ao dia 10 de dezembro, ao palacio do Calhariz, ou ao collegio da rua do Machadinho n.° 36. Ficâmos que este convite hade ser attendido.